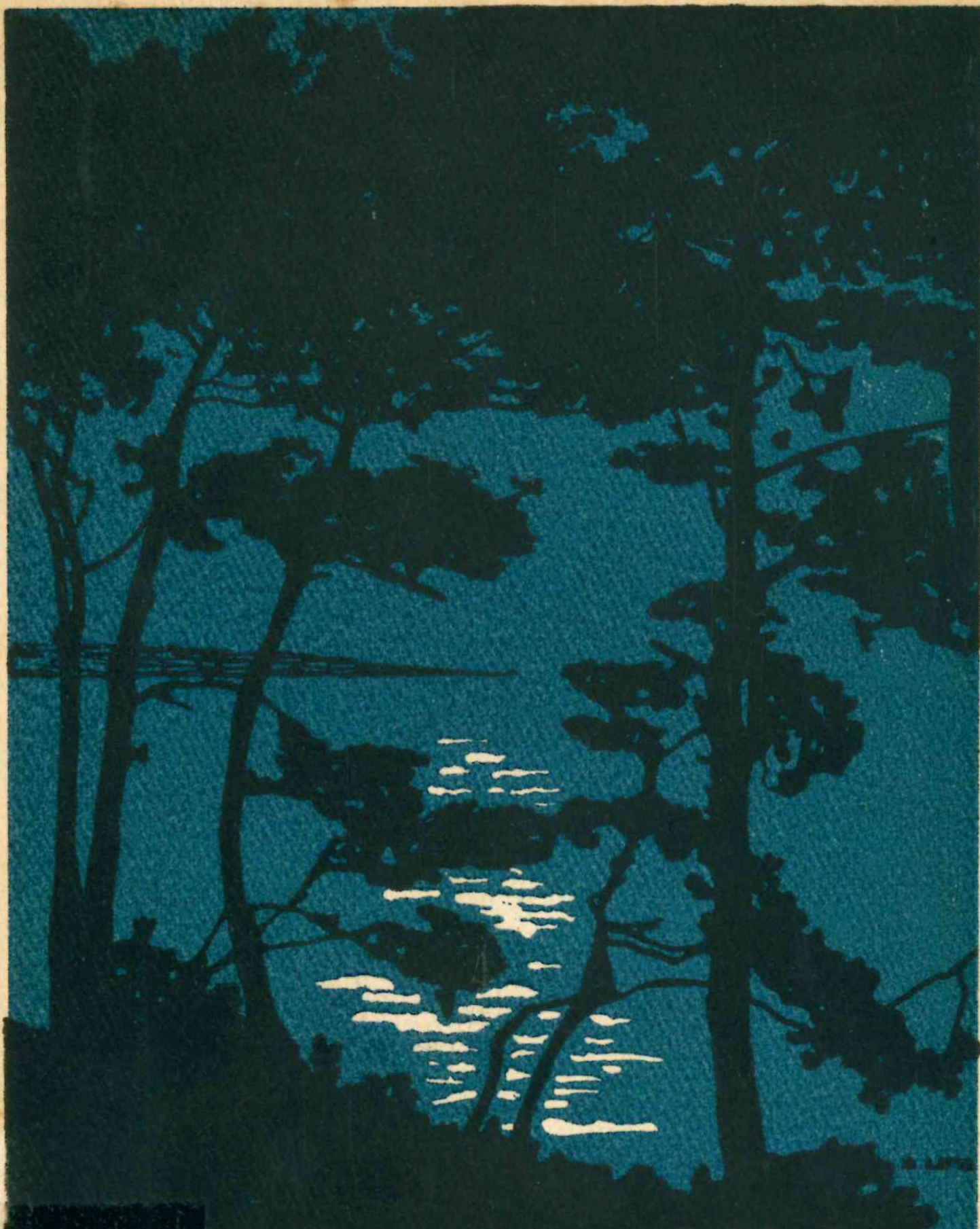




IVAR DE SONHO

POR MATIAS LIMA



134.3-1Lima, Ma

OHIO - SAVI

AMERICAN

C/c 3.500.

LUAR DE SONHO

Tip. Sequeira, Limitada
Rua José Falcão - Porto

UNIVERSITY OF TORONTO

MATIAS LIMA

LUAR DE SONHO

LIVRARIA CHARDRON
DE LELO & IRMÃO
Rua das Carmelitas, 144
— PORTO —



Perm. Barcelone

DO AUTOR

VERSO:

Canções, 1904 (Esgotado).

Flores do Monte, 1906 (Esgotado).

Sol do Coração, 1914 (Esgotado).

Pela Pátria, 1916 (Esgotado).

Vergel Florido, 1917.

Medalhões Nacionais, 1918.

Traduções de La Fontaine, 1920 (Col. Lusitânia).

Luar de Sonho, 1922.

PROSA:

A Vida e o Amor, 1921.



LÍRICAS

PENSAMENTO ALTO!

— Ó poeta das rimas suaves,
suspende o arrojado passo.

— Sigo o destino das aves...
Parar, é morrer no espaço!

— Olha as ribeiras: vão rasas.
Mau tempo. Encharcas-te todo...

— Onde se alteiam as asas,
não chega o grito do lôdo!

— Olha a perfidia dos maus!
— Também Cristo teve Cruz...
— Olha o mundo: negro caos...
— Levo-lhe o beijo da Luz!

— Que o mundo de ti não mofe.
Corrigi-lo, sonhador?
— Sim! É como a enxada a estrofe;
produz milagres de amor.

E que milagres, desde Ênio
a Hugo! Ó verbo áureo e fecundo,
pensar que um rasgo de génio
pode abraçar todo o mundo!

— Poeta, segue o teu destino.
Nobres miragens te embalam!
— Erguer à Bondade um hino
da altura em que as águias falam!

CANÇÃO ANTIGA

Astros do céu, ó rútilo tesoiro
suspense no ar!

Astros do céu... Mas quantos astros de oiro
no seu olhar!

Ondas do mar, ondas beijando as fragas
num terno anseio...

Ondas do mar! Mais altas são as vagas
daquele seio!

Rosas de amor, ó rosas de côr rubra,
gritante e louca...

Rosas de amor! Mais lindas que as descubra
a sua bôca!

Lírios em flor, ó lírios de luar,
lírios cristãos!

Lírios em flor... Teem lá rival ou par
as suas mãos!

Rubins sangrentos, perlas de côr rara,
irmãs do pranto...

Rubins e perlas... Nada se compara
àquele encanto!...

SAÛDAÇÃO À FRANÇA

Pátria de Víctor Hugo e Lamartine,
do lírico Musset, teatral Racine,
escuta a minha lira! Ela reflecte,
embora sem grandeza inspirativa,
a saúdação vibrante, ardente e viva,
da Pátria de Camões e de Garrett.
Ó França vitoriosa, nação alta,
inspira o vate que a cantar te exalta!
Não o conheces? O seu nome é vão.
Falta-lhe o génio? Sobra o coração...

É um lusíada triste, môço rude
 que o céu de Portugal fadou poeta;
 nos montes duma aldeia predilecta
 cobriu de flores bravas seu alaúde;
 junto do mar que beija a terra lusa
 aprendeu pelas noites a cantar;
 entrevistou as águas e o luar...
 a dor, porém, foi sempre a sua musa.
 Esta é a biografia do cantor
 que cheio de emoção e puro amor,
 vem celebrar-te o coração heróico!
 Unir de encontro ao peito o povo estóico
 que em ímpetos e rasgos admiráveis,
 verteu o sangue e esfarrapou a carne
 para escrever dois poemas formidáveis,
 épicos, imortais — Verdun e Marne!

CANÇÃO DA CANTARINHA

Docemente cai o dia
sem chegar teu namorado,
e a cantarinha vasia
e tu, cheia de cuidado!

Ó morena de olhos pretos,
ó morena, moreninha,
encheste o peito de affectos
e esqueceste a cantarinha!

Ela que o diga, que o conte:
êsses olhos scismadores,
dela se olvidam na fonte...
— O que fazem os amores!

O que fazem, ó morena,
o que fazem e farão!
E a cantarinha — que pêna! —
esquecidinha no chão...

Num murmurinho bizarro,
bem cai a água da bica;
a cantarinha de barro
sem molhar a sêde fica...

Ó morena de olhos pretos,
ó morena, moreninha,
encheste o peito de affectos
e esqueceste a cantarinha!

Quem esperas já não chega,
e tu não arredas pé.
Cega de amores, tam cega,
que o teu olhar nada vê.

Não vês que a mãesinha ralha,
por tam tarde aparecer?
Nossa Senhora te valha,
se aínda te pode valer...

A cegueira de quem sonha,
a cegueira de quem ama!
E a cantarinha, tristonha...
Um beijo de água reclama!

Ó morena de olhos pretos,
ó morena, moreninha,
encheste o peito de affectos...
— coitada da cantarinha!

NOITE DE NATAL

Lá fora a chuva do luar nas veigas,
cá dentro a luz do Amor — o sol do Lar!
Oh, as figuras corcovadas, meigas,
dos avôsinhos de bondoso olhar!

Presidem ao festim; são os mais velhos.
No final, os netinhos sorridentes
fazem equitação nos seus joelhos
que servem de burrinhos pacientes...

Depois, a criançada sempre arisca,
joga a pinhões o turbulento rapa,
enquanto os velhos optam pela bisca
com um ar de emoção que não escapa...

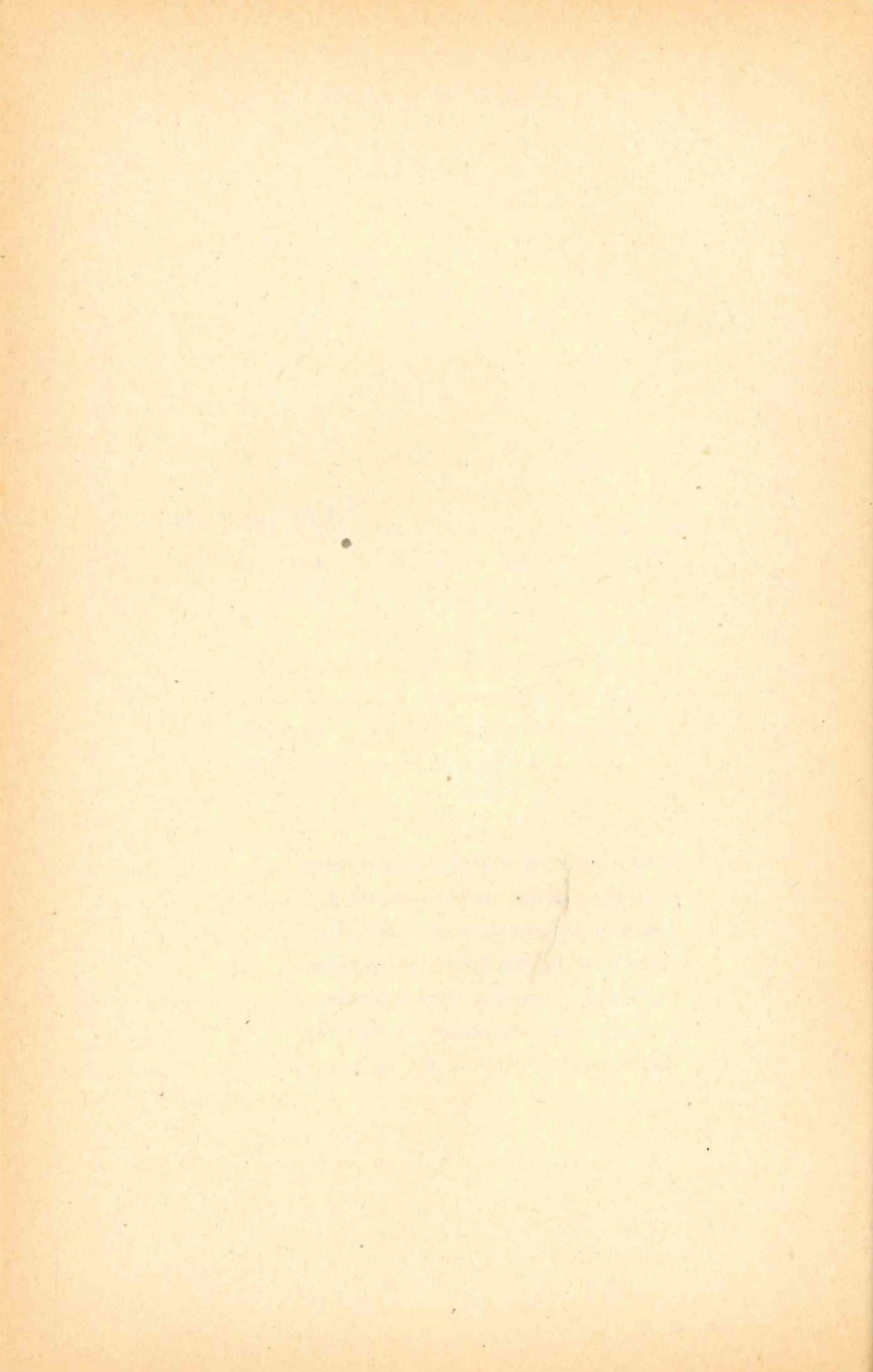
Feliz do lar onde se vê tal calma,
onde a desgraça ainda não entrou!
Tanto lar onde uma alma chora outra alma,
um bem que já fugiu e não voltou!

Em muitos, a miséria, sem rebuços,
treme de frio e fome — não tem pão!
Noutros, a dor recorda, com soluços,
filhos na guerra, esposos na prisão...

— Ó noite santa de esplendor risonho!
A lua, os sinos... Noite de Natal!
Noite de paz e amor! De lenda e sonho,
no meu lindo país de Portugal!

NUM ÁLBUM

Num rasgo de suprema inspiração,
o divino criador das coisas belas,
deu vôo à fantasia e ao coração.
Reuniu as lindas, trémulas estrêlas,
os doces roussinóis e as violetas,
e com estas três coisas predilectas,
luz, música e tristeza, fêz os poetas.



PORTUGAL NOVO!

Ó meu doce país de heróis e artistas!
Venho evocar, em graves pensamentos,
o teu período de oiro — o das conquistas
e dos descobrimentos.

Passado rútilo, época distante
das nobres caravelas e galeras!
Tu eras, Portugal, um môço Infante
na idade das quimeras...

Vasco da Gama o bravo mar sulcava
na derrota das Índias misteriosas;
às terras do Brasil, Cabral aproava
as suas naus famosas.

Afonso de Albuquerque, o audaz guerreiro,
brilhava em Goa, Ormuz e noutras plagas.
O génio português aventureiro
vencia a terra e as vagas!

Camões fazia ouvir a lira de oiro
no palácio da Infanta e da Letrada,
junto à Natércia de cabelo loiro
e face desmaiada...

Entravam pelo Tejo especiarias
de Ceilão, pedrarias de Pegu.
Meu velho Portugal, resplandecias!
O universo, eras tu!

Tempos áureos, luzindo glória imensa!
Num trono de ventura e de riqueza,
erguia a fronte, em plena Renascença,
a Nação Portuguesa.

A decadência veio dispersar
tam grandes bens, tam alto poderio.
Desprezaram-se as terras de Além-mar
tomadas ao gentio.

Aquela valentia cautelosa,
toda serenidade e toda acção,
sucedeu a loucura desastrosa
de Dom Sebastião.

Neptuno, com a raiva de Mefisto,
tragou as velhas e imortais armadas
que tinham sido, sob a cruz de Cristo,
tam guerridas e ousadas.

Perdida a fé; abandonada a Cruz
— companheira fiel da espada lusa.
Desceste, ó Portugal, de tanta luz
à treva mais profusa!

* * *

Mas a lição tem sido forte e rude.
Medita-a bem e sairás do abismo.
Inspire-te o poema da virtude
e a epopeia do heroísmo!

Eu creio em ti, meu nobre Portugal.
Gigante adormecido sôbre o empório,
hás-de acordar, num gesto triunfal,
dêsse teu sono inglório.

Tu serás grande e forte, se quiseres!
Apoia-te na fé da mocidade!
Conquista o lindo peito das mulheres
com esta arma — a Bondade...

Rebrilha em luminosos esplendores!
Pendão das quinas, faz-te ao alto, ao vento!
Oíço vibrar clarins, rufar tambores...
É o Ressurgimento!

Lá vai a Raça despertar a França!
É de arma ao ombro que se faz um povo!
O porvir enche o peito de esperança...
Salvè, Portugal Novo!

VIOLETAS

Nos vossos murmúrios froixos,
que delicioso queixume!
Freirinhas de hábitos roixos,
do convento do Perfume...

Perfis magrinhos, fugazes...
Viúvinhas, à beira da água...
Vós sois irmãs dos lilases
e primas da minha mágoa.

Segredai-me os vossos ais!
Tristezas? Não penseis nisso.
As mágoas que me contaís
são tam doces que as cobiço.

Tendes a altura dum beijo,
o que chega a ser um bem.
Que lindo e terno desejo,
ter essa altura também!

Entre a relva, a vosso lado,
ditoso me ia ocultar.
Viver obscuro e ignorado ...
Oh, que ventura sem par!

E à luz do sol quando assoma,
sonhar, florir, reviver!
Deixar todo o meu aroma
nas mãos de linda mulher!

SERENATA DAS GUITARRAS

(MÚSICA DE MANUEL BENJAMIM)

Nasceu a triste guitarra
no país de Portugal.
Foi esta terra bizarra
quem a fêz sentimental.

Portugal é romanesco,
ama as guitarras e o fado;
êste fado pitoresco
por alta noite cantado.

Outrora, o povo a sorrir,
com as guitarras viveu;
mas em Alcácer-Quibir
abraçado a elas morreu.

A guitarra portuguesa
deve ao Hilário e à Severa
muita poesia e tristeza,
e muita mágoa sincera.

Anda em terras estrangeiras
nossa guitarra magoada...
Sempre fôram companheiras,
a guitarra, mais a espada!

Na meia luz do luar
há vultos pelas ventanas...
— Ai, como sabem chorar
as guitarras lusitanas!...

CÂNTICO DO REGRESSO

Volto de novo, em júbilos loucos,
à terra dos meus pais.

Regressar é ventura de poucos...
Quantos não voltam mais!

Corri o mundo... À roda do globo,
que sofrimento atroz!

Já não comparo o homem ao lobo;
é muito mais feroz!

No orbe terrestre, reina o deus Marte.
Estranho inferno, a terra!
Lares tornados pó, obras de arte...
— Maldita seja a guerra!

Florido asilo, calmo remanso,
do meu país sagrado!
Eu busco o olvido, busco o descanso
que não tenho encontrado.

Quero dormir um sono profundo
sob a luz dêstes céus;
quero viver distante do mundo
e mais perto de Deus!

* * *

Que linda a minha aldeia do Minho
entre vales e montes!
Pomares e hortas, campos de linho,
laranjeiras e fontes...

Terrinha suave, cheia de sinos
e de encantos sem par...
Os roussinóis, em cânticos e hinos
celebram-na ao luar.

Entre as aldeias esta distingo.
 Que jardim de lilases!
 Gemem as violas, todo o domingo,
 ao peito dos rapazes.

A minha aldeia! Linda aguarela
 com espigueiros, mêdas...
 Olhai seus poentes: mancha amarela,
 erguida em labaredas!

A natureza, em ternos caprichos,
 teve ideias formosas:
 engrinaldou de cravos seus nichos,
 seus cruzeiros, de rosas!

A minha aldeia! Aldeia dilecta
 com melros a cantar...
 Não a faria Deus para um poeta
 aqui viver, sonhar?

* * *

Ó camponeses! A alma vos segue
 ao chegar a esta aldeia.
 Êste que plante, aquele que regue,
 enquanto outro semeia.

Não desprezeis um leve torrão.
Que tudo se aproveite!
O vosso lar terá vinho e pão,
doirado mel, e leite.

Enchei encostas, rudes colinas,
de olivais, castanheiros.
Deixai brotar nas bravas ravinas
os poéticos pinheiros.

A terra é mãe — precisa de amor!
Empregai sempre nela
o capital do vosso suor...
A renda será bela!

Cavai, plantai, com santa emoção!
A Agricultura é nobre.
Portugal não lhe presta atenção
e, porisso, está pobre...

Ó povo heróico, rústico e obscuro!
Tomai a enxada, o arado...
São a esperança, são o futuro
dêste torrão amado!

FLOR CELESTE

Sem risos de oiro, sem canções de fé,
a vida da Mimi foi um lamento.
Daria ao melancólico Feuillet
um romance de amor e sofrimento.

Amou perdidamente, com o ardor
duma pura mulher sentimental.
Foi infeliz e triste o seu amor...
É sempre triste o amor em Portugal!

Era tam linda! Recordava a rosa.
Era tam meiga! Recordava a pomba.
E na manhã da vida esplendorosa
a delicada flor na lage tomba!

De olhos no céu, — feliz quem ainda crê! —
expirou doce, numa doce pausa...
E morreu nova, sem saber porquê!
E sofreu muito, sem saber a causa!

Feliz quem cedo vai! Quem cedo parte!
Ai, de nós que ficamos, flor querida,
lira na mão, vertendo pranto de arte...
— O pranto de que é feita a nossa vida!

Agosto de 1918.

INCONSTÂNCIA

Esta esquiva borboleta,
as mil voltas que ela dá!
Doidivasas inquieta,
poisa aqui, poisa acolá.

Pelas rosas do jardim,
ei-la a correr, com ardor.
Mas demorar? Isso sim!
Entre cem, cabe a uma flor.

A ventura, irmã da graça,
a borboleta parece.
Por muitos corações passa,
mas em poucos permanece.

QUADRAS A UM PLÁTANO

Meu velho amigo, como estás bonito!
Levantas para o azul a fronte inquieta.
Tens fome de ar e sede de infinito...
És, como eu, um poeta.

Numa branca manhã primaveril
te plantei neste solitário monte,
sob os beijos do céu de Portugal
e os risos do horizonte.

Dêsse mirante azul, tam altaneiro,
que vistas adoráveis tu revês!
O Bom Jesus, Senhora do Sameiro,
montanhas do Gerez...

O teu olhar risonho e pastoril
vê sempre a Natureza re florida.
Eu só vejo tristezas, prosa vil
de que é composta a vida...

— Ó lirismo nostálgico dos poentes,
brilhos esmorecidos de ametista...
Branco luar do monte! Que excelentes
temas para um artista!

Pinta. Serás um mestre como Apeles.
Escreve versos. Lindos devem ser.
Eu bem sei que os melhores são aqueles
que ficam por fazer...

Pensa uma obra. Tivesse eu junto ao peito
esta paisagem de esmeraldas e oiro...
Talvez, amigo, já tivesse feito
um livro duradoiro.

Nascesse eu árvore! Meu peito adusto
pela dor não seria requeimado.
Ser como tu! Adormecer sem custo
e acordar sem cuidado...

Sentir-me pai de numerosos ninhos;
ditar aos melros madrigais e mágoas;
viver na vizinhança dos moinhos,
na amizade das águas...

Ver o luar no monte e o sol nas veigas;
medrosas lebres repoisando, cautas;
cordeiros bíblicos, ovelhas meigas
pastando ao som das frautas...

Surpreender entre os pinheirais, ao longe,
um vago fio de prateado mar...
E religiosamente, como um monge,
erguer mãos e resar...

Plátano amigo, que falaz quimera!
Sê tu feliz, ao menos. Não me pesa.
Quem nasceu para triste nada espera,
senão maior tristeza...

Desce o beijo das sombras, apressado.
Adeus! Aceita as quadras que te fiz.
São simples. Devem merecer o agrado
dum coração feliz!

Lêmenhe 1919.

BÉLGICA LIBERTA!

A Justiça não morre! O rei Alberto
pisou, enfim, o solo abençoado.
O seu país heróico foi liberto,
depois de ser cuspidado e recalcado!

Ao fim dum sofrimento esgotador,
a Bélgica tornou a ser dos belgas.
— Liberta a Terra-santa que o invasor
brutalisou e reduziu a felgas!

Oh, a alegria que êsse Povo tem
beijando a Pátria que lhe foi roubada!
Pois não ter Pátria é como não ter mãe,
e não ter mãe, é como não ter nada!

O povo belga jubiloso canta.
Reentrou na amada terra, vencedor.
Nessa terra imortal e sacrossanta
que é sua pelo Heroísmo e pela Dor!

Novembro de 1918.

MINHO GARRIDO

Eu canto o Minho ideal das cerejeiras,
o Minho do alecrim e do serpão,
o Minho das violas e *zé-preiras*,
mestre na *cana-verde* e no *malhão*.

Canto o belo país das romarias,
as suas procissões, seus arraiais,
seus típicos *Maneis*, *mai-las* Marias,
tam pitorescos, tam regionais.

Canto a veiga gentil, o lindo prado
coberto de papoilas e luar,
onde vivem a rir, de braço dado,
o rosmaninho e a trova popular...

Eu canto aquele povo satisfeito:
cravo na orelha, harmónico na mão;
camisinha bordada, aberta ao peito,
para melhor se ver o coração...

* * *

— Ó Minho alegre, Minho dos encantos,
Minho bondoso, sem instinto mau!
Minho cristão, adorador de santos,
Minho bulhento, jogador de pau:

Eu te saúdo e abraço, comovido!
Eu te celebro em rima jovial,
Minho namoradeiro e divertido,
Minho lindo, jardim de Portugal!

CANÇÃO DA ROCA

Que amizade à tua roca!
Roca de fuso doirado,
ai, quantos beijos em troca
dum linho tam bem fiado!

Roca à cinta, noite e dia!
Meu amor, não te desmandes.
Inverno! Fia, que fia...
Tardes curtas, noites grandes!

Troçam de ti: «oh, que velha!»
por tu na roca fiars.
Mas não te ponhas vermelha.
É lá caso p'ra còrares!

Lá porisso, não te rales.
Também um dia eu fiei.
— Fiei-me na vida... e só males,
fundos males, encontrei!

— Ó corações desleais,
cheios de areia no fundo!
Fia na roca, e jàmais,
jàmais te fies no mundo!

Que amizade à tua roca!
Roca de fuso doirado,
ai, quantos beijos em troca
dum linho tam bem fiado!

INVERNO

Uma paisagem viúva.
Nem pombas no horizonte,
nem canções. Não quer chuva
Anacreonte.

Núvens densas; céu tórvo,
grisalho, pardacento.
Enrolado no vento,
negro corvo.

Ribeiros trasbordantes.
Na lama dos caminhos,
poveiros mendicantes
e rotinhos.

Das verdes laranjeiras
caíndo os frutos de oiro.
E a subir das lareiras,
fumo loiro...

Entre a névoa, os penedos
lembram monstros marinhos;
monstros boiando, tredos
e damninhos.

Nos pinhais, que destroços!
Que aflitas expressões!
E o frio a entrar nos nossos
corações.

Zurzindo, pondo em risco
tanta criatura nua
que dorme sôbre o cisco
vil da rua...

MARAVILHA DIVINA

E a Musa assim me disse, carinhosa:

— «Queres um lindo assunto, caro poeta?

Prepara a rima de oiro mais formosa
e a frase mais galante e mais discreta.

— Sinto-me fatigado, doce amiga.

Bem sabes, tenho já cantado tanto!

— O canto é como o beijo, não fatiga.

— Se não! Traz muita vez fundo quebranto!

— Deixa-te de razões e sê amável.

Dás-me o teu braço? — Se entre noivos se usa!

Fôrça é levar a lira? — Indispensável.

— Mas para onde me levas, doce Musa?

— Para a beleza. — E o que me vais mostrar?

— Jóia celeste. — Assim tam alta brilha?

— Tam alta que devemos ajoelhar.

Vê tu que linda e rara maravilha!

— Mais linda que as estrêlas? — Bem mais linda!

— Mais doce que o luar? — Muito mais doce!

— E do que as rosas? — Muito mais aínda!

Se a doçura das rosas assim fôsse!

— Somos chegados? — Sim, prepara o canto.

— E a maravilha, Musa dos amores?

— Ei-la, meu poeta! — E com profundo encanto,
eu vi teus doces olhos scismadores...

ROSÁRIO DE TROVAS

I

Ó meu rosário de resas,
tecido de leve canto!
Padre-nossos de tristezas,
ave-marias de pranto...

2

Nas asas duma andorinha
esta quadra vou prender.
Vai a modos de cartinha...
Não tardes em responder!

3

Velha nau da minha dor,
por êsse mar de tormento!
Quem te espreita? — Adamastor,
gigante do sofrimento!

4

Mágoas de amor, (tantas eram!)
nos amantes vão ter fim;
todas elas resolveram
viver só dentro de mim...

5

Bandeira da minha terra,
cheia de nobres troféus!
Teus castelos dizem guerra,
tuas quinas dizem Deus!

6

Amor de tanto penar
o que se tem de esconder!
Nem pode a bôca falar,
nem pode o pranto correr!

7

Moreninha atribulada,
para quê, tantos cuidados?
Isto amar não custa nada,
ama-se de olhos fechados...

8

Com formosura divina,
Deus criou nossa nação.
E fê-la assim pequenina
p'ra caber no coração...

9

Deixa os juízos que correm
a respeito do ciúme.
Muitos amores não morrem
por arderem no seu lume.

10

Saúdade, meu desafôgo!
Tu, sòmente, me confortas.
Revolves as cinzas mortas
e sopras de novo o fogo...

11

Meu lindo amor dolorido,
ouve e guarda no teu seio:
Se morro, quando duvido,
ressuscito, quando creio.

12

Pois sim, que te não beijasse!
Logrei enfim meu desejo,
rimando na tua face
a quadra linda do beijo.

13

Os meus filhos! Amor firme,
noite e dia a consolar-me.
Cinco almas a sorrir-me,
cinco bôcas a beijar-me.

14

Enxada sempre na mão.
Que ela cante e o corpo sue,
para ver se aumenta o pão
e se a fome diminue.

15

A todo o amor malfadado
sempre a guitarra falou.
Foi de-certo um namorado
quem a guitarra inventou!

16

Minhas trovas se levantem
pelas noites de luar.
Que as bôcas alegres cantem
já que eu nasci p'ra chorar!

CASA CHEIA

Meu coração fez um arrendamento
com a alegria e a dor.

Deu-lhes, para viverem, o aposento
que julgava melhor.

Mas a dor tinha um séquito maior
do que se presumia

e ocupou, pressurosa, todo o andar;
de sorte, que a alegria,
já lá não pôde entrar...

MORTOS IMORTAIS!

A Pátria vos contempla agradecida,
ó bravos paladins da grande guerra!
Sacrificastes vossa nobre vida
para a libertação final da terra!

Soldados-mártires, heróis vencidos,
destes ao mundo uma imortal lição!
— Ainda há quem defenda os oprimidos
e ponha contra a Fôrça, o Coração.

A morte vos venceu e vos prostrou
sem ver fulgir a Ideia generosa
que vosso sangue ardente cimentou
para se erguer um dia, vitoriosa!

Eu não sei o mistério de Além-tumba.
Os mortos ouvirão? Vós ouvireis
êste fragor que vibra e que retumba:
— os povos livres e o baquear dos reis?

Êsses maus reis, que só por vã disputa,
as leis forçaram da conservação,
lançando tanta vida numa luta
que envergonhou a Civilização?

Vós ouvireis? Sereis ainda humanos
para escutardes o clamor do mundo?
A queda formidável dos tiranos?
Tanta ambição desfeita num segundo?

Se tal fôr, que alegria intensa e forte!
Revedo o triunfar da Humanidade,
abençoareis a vossa santa morte
que trouxe ao mundo a Paz e a Liberdade!

O AMOR E A SAÛDADE

(NUM ÁLBUM)

Fêz a Saûdade um pedido
com doce empenho ao Amor.
Rogou-lhe assim: «meu querido,
conto dever-te um favor.

Não mo recuses, não venhas
com fantasias doiradas...
É necessário que tenhas
as asas mais apressadas.

Pelas almas amorosas,
passa de-pressa, a correr.
Que importa fiquem chorosas?
Eu necessito viver.»

E o Amor, fiel companheiro,
satisfêz sua vontade.
Tornou-se breve e ligeiro
para dar vida à Saùdade...

PORQUE HÁ LÍRIOS ROIXOS...

Senhoras lindas, pretendeis saber
a história dolorida dêstes lutos?
Dai-me um sorriso em paga de a dizer,
que a conto brevemente, em dois minutos:
À beira dum regato de água pura
viviam certos lírios venturosos.
A sua alta e divina formosura
tornava-os arrogantes e vaidosos.
Haveria no mundo mais brancura?
Impossível!, diziam com orgulho.

Numa bela manhã de ardente Julho
(cantavam melros perto, num limoeiro)
viram os lírios na água do ribeiro
o que êles dia algum pensavam ver:
uns pés maravilhosos de mulher.
Lembraí-vos duns pèsinhos ideais
que Fernando Caldeira encheu de versos,
de ternos e doirados madrigais?
Pois, senhoras gentis, eram iguais.
Creio que os vossos não serão diversos...
Eu nunca os vi, mas é segura a fé,
de que deveis possuir um lindo pé!
Perdoai-me o galanteio de poeta,
(esta musa é por vezes indiscreta!)
e ouvi, muito em segredo, o que sentiram
os lírios quando uns tais pèsinhos viram.
Sofreram seus despeitos, seus martírios.
Pois ainda havia, ó Deus, mais brancos lírios?
Tam grande foi a raiva, o frenesi,
(tal o milagre de supremo alvor!)
que desmaiaram e voltando a si
surgiram de outra côr:
com êsse manto escuro de paixão
que os torna melancólicos e froixos.
— Aqui tendes, Senhoras, a razão
porque há lírios roixos...

« CASA DE ALÊM »

Linda e simples, (uns simples a fiseram)
tem um bondoso aspecto acolhedor.
Meus avós lá nasceram e morreram,
docemente, na graça do Senhor.

Branquinha e alegre, vive a apeteçada,
sã velhice de quem se sente forte
e vê, ainda, muito perto a vida,
e vê, ainda, muito longe a morte.

Tam linda! Olhando-a, ó coração, te perdes!
As pombas, no telhado; na água, os gansos.
Ninhos de melro nos limoeiros verdes,
cantos de rôla nos pinheiros mansos...

Casinha portuguesa, de ares suaves;
doce vèlhinha de agradáveis modos,
sorrindo para o sol e para as aves,
sorrindo para mim e para todos...

Deu sonho e abrigo a muita geração
— gerações abraçando a Agricultura,
menos por obrigada tradição
que por dever de affecto e de ternura...

Remotos avoengos de alma crente,
adoraram a terra com fervor;
e eu que sou seu directo descendente
sinto que lhes herdei aquele amor.

— Ó berço de homens bons, santas mulheres!
Velha casa da aldeia, tam dilecta:
dá-me o dom da família, o amor de Ceres;
faze de mim um lavrador-poeta!

BRADO DA ALMA

(À MEMÓRIA DA AMÉLIA)

Ó Deus do céu, ó Deus! Porque se morre
na linda flor dos venturosos anos,
quando o batel do amor deslisa e corre
num mar de sonhos, ledó mar de enganós?

Morrer na primavera, que impiedade!
Senhor: que lucra a morte, a morte odiosa,
em desfolhar ao sol da mocidade
o branco lírio, a perfumada rosa?

Gelar-se a vida quando o coração
tem sorrisos e beijos de luar. . .
Quando tem dentro, ninhos de ilusão,
quando tem fora, melros a cantar!

Morrer na mocidade! Isto é cruel!
Revolta-te, bondade humana e forte.
Ergue um protesto, coração rebel!
— O protesto da vida contra a morte!

Agosto de 1919.

CANÇÃO DA BRASEIRA

Braseirinha portuguesa,
que importa a chuva, o granizo?
Morre o gêlo da tristeza
no beijo do teu sorriso.

Quanta vez minha alma fria,
saúdosa te procurou!
E a tua luz aquecia
o vèlhinho que eu já sou. . .

Ferido por tanto açoite,
as minhas mágoas te expuz.
— Lá fora, a treva da noite!
— Cá dentro, o riso da luz!

Sensível ao meu queixume,
a paz me deste sem fim;
os teus olhinhos de lume
fôram de amor para mim. . .

Tanta fé que se malogra!
A vida — um triste romance.
Infeliz de quem não logra
seio amigo onde descanse!

Bendito o teu doce seio!
Aqueceu-me o coração.
Quanto ao egoísmo queimei-o,
por ser um farrapo vão. . .

Braseirinha portuguesa,
que importa a chuva, o granizo?
Morre o gêlo da tristeza
no beijo do teu sorriso!

PAX!

O Homem! Sua ambição ateou a guerra.
Matou, violou com febre libertina
e deixou um cadáver e uma ruína
em cada palmo da sagrada terra.

Com suas mãos selváticas e acerbas
arrojou crianças pelos fundos mares.
Pulverizou florestas, campos, lares;
nivelou as montanhas mais soberbas!

Foi mais feroz que os mais ferozes tigres.
Roeu, como os abutres, peitos e almas.
— Andorinha do Amor, (que tardes calmas!)
regressa enfim e nunca mais emigres!

Jàmais, jámais, referva o crime insano!
Jàmais, jámais, irrompa o incêndio impuro!
Ó sonho esplendoroso do futuro!
Um futuro mais digno e mais humano!

A doce e piedosa luz dos céus
verá novos, pacíficos heróis.
Serão bondosos; guiarão seus bois,
a mão no arado, o pensamento em Deus.

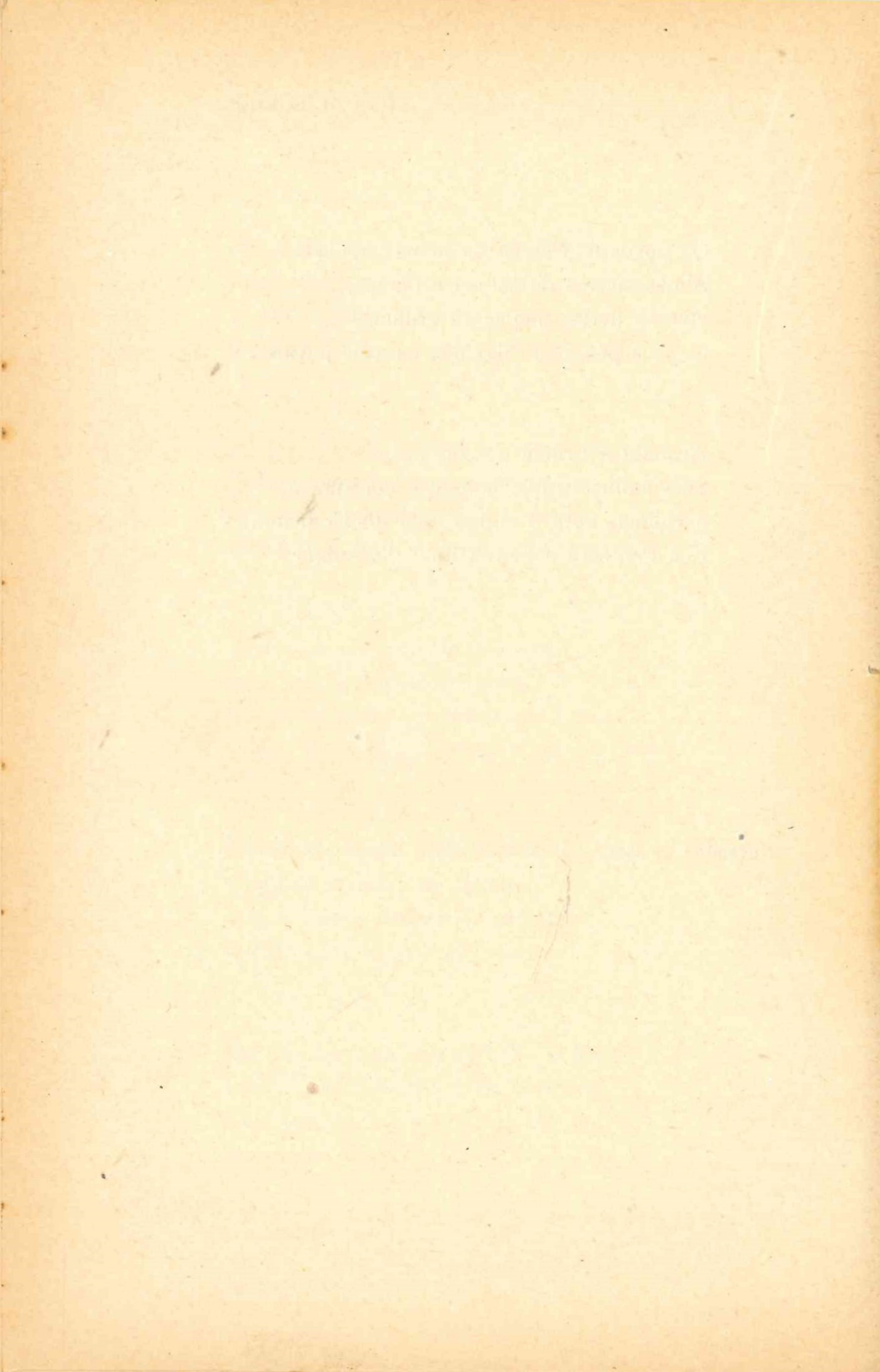
Os sábios nunca mais estudarão
a rápida maneira de matar,
mas a forma melhor de prolongar
a vida e de alegrar o Coração. . .

Os grandes reis não servirão a Marte,
nem viverão de luta e de conquista.
Seja um rei, lavrador; seja um artista,
à maneira de Dom Denis, Dom Duarte.

Os povos não serão de maus impulsos.
 Almas suaves de santos e poetas,
 viverão livres; não terão grilhetas
 os seus pés, nem algêmas os seus pulsos.

Acabará a tirania e a dor!
 Sem ambições que matam e consomem,
 o Homem será o amigo bom do Homem...
 E a Paz será a eterna irmã do Amor!

Novembro de 1918.



A EPOPEIA DA ASA

Ó Portugal, pátria bela,
que grande sonho te abrasa!
Foste no mar, caravela. . .
Hoje és no espaço, uma asa!

Nações, como esta, não morrem!
Lançá-la ao chão, ó pigmeus?
Os gigantes logo acorrem,
levantando-a para os céus!

Ó asa divina voando
num milagre de heroísmo!
A cruz de Cristo, sangrando. . .
— Grito de fé, sôbre o abismo!

Reflori, glórias de outrora!
Se ao Brasil fomos por mar,
concedeu-nos Deus agora
asas para lá chegar. . .

Ó velhas naus de Cabral,
por êsse mar de procelas!
Hoje as naus de Portugal
teem asas, em vez de velas!

Já não singram embaladas
pelas sereias da lenda. . .
Erguem as asas doiradas
numa façanha estupenda!

Ó descendentes do Gama,
sangue de Almeidas e Castros!
O nome luso quer fama. . .
Levantai-o até aos astros!

MULHERES AMADAS

(MEMÓRIAS DUM VELHO POETA)

«Não esqueceis. Em nós perdura ainda,
gravada docemente pela dor,
a vossa imagem feminina e linda
que a morte arrebatou ao nosso amor.
Nêste vil mundo, pantanoso brejo,
que dor nos punge! A grande dor sem par,
de nunca mais ouvirmos vosso beijo,
de nunca mais sentirmos vosso olhar!
Passam os anos. . .—São febris, sem calma!—
e a vossa doce imagem, ó dilectas,

não perde um traço, nem se apaga da alma
dêstes grandes saudosos, pobres poetas. . .
Rosas de outrora, Ofélias do passado,
já dormis sob a pedra tumular,
pedra silenciosa, de ar gelado,
impenetrável, muda ao nosso olhar. . .
Mas no fundo dos nossos corações
revivereis, ó mortas consagradas!,
porque «a saùdade faz ressurreições»,
ressurreições felizes, abençoadas. . .

* * *

Anjos de amor, visões dum sonho brando!
Nosso olhar lembra o vosso vulto lindo.
Ainda vos julga ver passar, cantando,
ainda vos julga ver passar, sorrindo. . .
Em vão a morte, lôba que não cansa,
sepultou vossa amada mocidade.
Mais forte do que a morte é a lembrança,
mais forte do que a morte é a saùdade! . . .»

SONETOS

LUTADOR!

Na galopada da Arte, a crina sôlta ao vento,
se lança o meu corcel, impávido, sem medo.
Cavaleiros do Ideal, clarins do Sentimento:
no assalto do Parnaso, aqui me tendes, ledos.

No oiro do meu brasão—o liz do sofrimento.
No punho, a espada com que enfrento o mundo tredo;
a espada forte e sem rival do Pensamento,
que vence a fama dos armeiros de Toledo.

À palidez da lua, erguido o meu balsão.
 Ó cargas de poesia e golpes de canção!
 Ó meus dilectos reis — Camões, João de Deus!

Sonho de glória e amor! Um sonho que me abrasa.
 E o meu pendão, bem alto! A erguer-se, em cantos de asa,
 num riso de luar, ao beijo azul dos céus!

DEZ ANOS DEPOIS

Num livro de oiro onde a amizade grava
nomes e datas, escrevi um dia
uma imperfeita e ingénua poesia
que a idade dos vinte anos explicava.

A Mulher! Nessa quadra a celebrava.
Após dez anos, minha simpatia
não mudou. Sinto o que eu então sentia,
penso sôbre ela o mesmo que pensava.

No decorrer dos anos fugitivos,
—triste rosário de cuidados vivos!—
eu aprendi a amar e a padecer.

Achei o mundo vil, perverso e rudo.
Quási descri dos homens e de tudo...
— Só não descri ainda da Mulher!

RAMO DE FLORES

Eu sei que tomarias como acinte
se te faltasse com as minhas flores.
Fazes anos! É moda, é um requinte
de gentileza, vir tecer louvores.

Não serei eu, porém, quem isto pinte
como felicidade das melhores,
quando já se passou além dos vinte. . .
— a quadra da ilusão e dos amores!

Mas eu sinto-me já desiludido
e tu ainda conservas essas belas
e ridentes quimeras de ar florido. . .

Nunca, por nunca, te separes delas!
Pois se é triste jãmais as termos tido,
muito mais triste é tê-las e perdê-las!. . .

DOM DUARTE

Com Platão aprendeu filosofia
êste rei erudito e ponderado;
e com Santo Agostinho, o autor sagrado,
a divina moral e a teologia.

A sua vida! Meditava e lia,
ou confiava com o mór cuidado
a um certo pergaminho iluminado
o que o seu pensamento lhe dizia. . .

Mais do que um rei, (de o ser não se ufanava)
era um letrado insigne que reinava,
tendo sempre um conselho no seu lábio.

— Poetas de Portugal, famosa grei:
cantai o vulto egrégio, o grande rei;
porque um rei só é grande, quando é sábio!

LUZ MORIBUNDA...

Aquela luz piedosa e muito clara
que me guiava o triste coração,
conheço que me fuge e desampara,
tam froixo se tornou o seu clarão.

Era uma luz maravilhosa e rara.
Continha em si a chama da ilusão
e sempre pela vida me levará
como quem leva um cego, pela mão...

Luz de enganoso sonho, luz de amor,
perdeu a pouco e pouco o seu fulgor.
Já nem parece a luz que dantes era!

— Chama adorada, flâmula ilusória!
Deixa que eu fique ao menos, por memória,
com uns escassos raios de quimera! . . .

SOLDADOS DE PORTUGAL!

O universo com êles não alterque.
São os leões dos bosques lusitanos.
Raça lusíada, raça de Albuquerque,
nasceu para altos feitos soberanos.

Sem respeito e emoção ninguém se acerque
dêsses soldados bravos e serranos!
O nosso povo de carinho os cerque
e recorde os seus gestos mais que humanos.

Lutaram pela liberdade augusta,
naquela França recalcada aos pés
pelo cruel militarismo boche.

Guerra santa! Vitória humana e justa!
— Hosanas ao Soldado Português!
E glória a Clemenceau, e glória a Foch!

Novembro de 1918.

QUADROS DA BEIRA-MAR

Fatigado de tanta fúria vã,
o mar dorme. Que a praia não se queixe!
Brincam gaivotas no oiro da manhã.
Entram lanchas, trazendo belo peixe.

De casaquinho às riscas, que louçã
poveirinha! A ela me dirijo: — «deixe
que a fixe. É linda, bôca de romã. . .
E os olhos? Não os baixe, não os feche!» —

Garotitos, em bélico motim,
arrojam uns aos outros mãos de areia.
Um velho pelo mar a vista espraia;

enquanto o doido sol, feito arlequim,
rebola alegremente e cabrioleia
em gargalhadas de oiro pela praia.

Póvoa, 1920.

OS AMORES DE CAMÕES

A paixão de Camões nasceu ligeira,
como impelida por varinhas magas,
ao ver na missa conventual das *Chagas*
quem o prendeu, ficando prisioneira. . .

Foi num serão do Paço da Ribeira,
ouvindo o Tejo murmurar nas fragas,
que Natércia e Camões, em frases vagas,
falaram juntos pela vez primeira.

Em velha nau, sôbre as revôltas águas,
partiu, um dia, o Poeta. Após uns meses,
regressa à pátria e seu amor procura.

Achou apenas lágrimas e mágoas. . .
Não fôssem os poetas portugueses
os eternos heróis da Desventura!

VELHICE FALSA

Disse-me, tristemente: «o meu espelho
meia dúzia de brancas me acusou.
Caro amigo, meu tempo já passou!
Eu sinto o meu sorriso gasto, velho. . .»

Ilude-se! Seu lábio tam vermelho
tem o aroma que sempre o perfumou.
Vossa Excelência muito exagerou!
Seu sorriso aínda prostra muito joelho!

E julga-se no ocaso. . . Os seus trinta anos
não lhe trouxeram êsses desenganos
que mais cedo nos fazem acabar.

Que importam essas brancas, fios belos?
Deixe-as estar na treva dos cabelos,
que a noite é linda quando tem luar. . .

CONFISSÃO

E sufocado por tamanho pêso,
o doce namorado abriu seu peito:
«Não te maldigo! Resignado aceito
a cruz inglória dêsse teu desprêzo.

Não se ergue para ti em ódio aceso,
meu desolado coração desfeito.
Quão mais esquiva, mais te sou sujeito,
quão mais me foges, mais me sinto prêso.

Sê muito embora dura ao sonho meu;
 outro receba, mais ditoso que eu,
 a frase linda dêsse lindo olhar;

sê como um mármore gelado, inerte:
 eu te bendigo! Pois ao bendizer-te,
 bendigo a dor que me ensinou a amar!»

LUAR ALTO

Pelos montes risonhos de Palhares
começa a branca lua a aparecer.
E à luz da lua ponho-me a escrever,
já que me falta o sol dos teus olhares.

Um roussinol diz versos nos pomares.
Versos tam lindos, não os sei fazer!
E na eira, entre risadas de mulher,
sobe a canção dos malhos para os ares.

Noite linda! A paisagem, indecisa.
No arvoredos, o rumor da leve brisa;
no azul, a serenata das estrêlas.

E a lua sobe mais, tam alta agora,
como as quimeras que eu ergui outrora
para uns dias depois vir a perdê-las. . .

SÚPLICA À VIRGEM

Por doce coração acompanhados
erguem-se a vós meus cânticos austeros.
São simples, sem conceitos elevados,
tendo a riqueza só de ser sinceros.

Comi olhos mais bondosos que severos,
ouvi, ó Virgem, meus ansiosos brados;
para que os homens sejam menos feros
e os divinos ideais mais respeitados.

Ouvi a minha prece de humildade!
Ela vos roga um beijo de perdão
e um claro e doce olhar de piedade,

para os que vivem entre a escuridão,
cegos à luz eterna da Verdade,
mudos à santa voz do Coração!

INIMIGOS

Era uma vez uma andorinha doce.
A sua linda vida decorria
na mais alta bondade e poesia.
Nunca a andorinha mal ao mundo trouxe!

Ingénua e pura, (em pleno azul formou-se!)
confiava em todos; quando um homem via,
dêle se aproximava e lhe sorria,
como se um bom amigo o homem fôsse.

Um dia em que ela lhe poisou nas mãos,
o homem feroz, (há tigres mais cristãos!)
cravou-lhe ao peito as garras tam agudas...

— Almas justas, andai de sobreaviso;
sempre o mais santo teve um inimigo.
Olhai: Cristo foi Cristo, e teve um Judas!

VIDA INÚTIL

Como a vaga febril que se despega
do mar imenso e se ergue em convulsões,
assim na mocidade louca e cega,
se agitam desvairadas as paixões.

A brava onda, porêm, breve sossega.
Não assim os humanos corações.
Êsses acalmam quando o tédio chega
com as suas amargas decepções. . .

Quanta alma lembra então o que perdera,
por não saber viver, como devera.
Quanto infeliz murmura, em vão clamor:

— «Gozei prazeres a êsmo. . . Sorte adunca!
Sinto o peito vazio como nunca,
quando o podia ter, cheio de amor!» —

DOR FECUNDA

I

Morreu há muito e simplesmente agora
a venho recordar saudosamente.
No primeiro momento a dor ingente
nem um canto produz — desvaira e chora.

Deixá-la sossegar; lá vem a hora
em que a saudade morde docemente. . .
É quando a pena exprime o que a alma sente!
É quando a dor se torna criadora!

Ó dor eterna e forte! Ó dor do mundo!
 Eu te bendigo! O teu clarão profundo
 tudo ilumina, ó dor! Tudo avassala!

A lira humana em prantos se levanta,
 a tela do pintor sorri e canta
 e o mármore do artista vibra e fala!

II

Sua memória o tempo não apaga.
Era tam lindo e doce o seu perfil!
Nas brancas faces, o luar de abril,
e no cabelo escuro, o mar, a vaga. . .

Mas a sorte que tam de-pressa afaga,
como impiedosa fere, (ó sorte vil!)
fêz pender êsse lírio tam gentil,
abrindo-lhe no peito funda chaga. .

Morreu, morreu! E o céu brilha amorável,
e o claro sol sorri e não se esconde,
e o velho mundo gira, imperturbável. . .

Morreu, morreu! Para onde foi, para onde?
Que destino levou? Tudo imutável!
Silêncio sepulcral! Ninguém responde!

RESPOSTA

À sua carta, lida em frente ao mar,
sinceramente venho responder:
versos alegres não os sei fazer,
e versos tristes não lhos quero dar.

Como lhe poderiam agradar
se a musa que me faz estremecer
chama-se Dor? Se é tam feliz mulher
que ignora ainda o que é sofrer, chorar?

Porêm, um dia, deixe que eu lhe diga,
fugirá a calhandra da alegria
sem que jâmais o seu olhar a aviste. . .

E então, ó minha doce e cara amiga,
amará a tristeza na poesia,
sentirá a volúpia do que é triste!

POMBAL MUDADO

Fugiram do meu peito imerso em ais,
as risonhas quimeras adoradas;
fugiram como pombas assustadas
buscando a doce paz de outros pombais.

E desde essa hora, todas lacrimais,
vivem minhas saudades, as doiradas
horas lembrando, sempre debruçadas
para um passado que não volta mais. . .

Como a sorte varia, num momento!
O meu pombal tornou-se num convento
de claustros merencórios, campas rasas.

E as freirinhas tristezas vão entrando,
os seus mortais soluços espalhando
onde se erguia, outrora, o rir das asas. . .

MÁGOA OCULTA

Desgostosa da vida... e tanto a adora!
Há muito romantismo em seu desgosto.
Tenha piedade dêsse belo rosto;
olhe que é menos lindo, quando chora.

Um rosto de mulher é branca aurora.
Senhora, não o torne num sol pôsto!
Se o sorriso de amor é sol de agôsto,
porque é que não sorri a toda a hora?

Qual a razão de andar entristecida?
Não adora e não é correspondida?
Onde reside o seu estranho mal?

Não sei a causa de tamanhas penas!
Eu nada sei, Senhora! Sei apenas
que muito se⁷ama e chora em Portugal!...

GENIOS IRMÃOS

Eu vi o mar à luz dum belo poente.
Que lindo e que sereno o mar estava!
Osculava mansinho, docemente,
a praia de oiro, sua eterna escrava.

Parecia sorrir, bondosamente.
Mas o mar de hoje, era outro — apavorava!
Cuspia para o céu, irreverente,
mordia a terra, numa fúria brava!

A Humanidade é cópia dêsse mar.
Ora tam calma se ergue ao nosso olhar,
que o peito crê na sua perfeição.

Mas bem cedo perdemos a quimera,
vendo-a lançar-se em ímpetos de fera,
na tragédia infernal da Destruição!

A BORBOLETA E A LUZ

E com uma pontinha de azedume,
a borboleta disse para as flores:
—«Não haverá belezas superiores?
A vossa, em muito pouco se resume!»

E a borboleta avista a luz. Presume
ver a beleza suma, em seus fulgores.
Corre para ela, a delirar de amores,
mas eis que as asas queima no seu lume. . .

Assim o Poeta; não se satisfaz
com a vulgar beleza, tam fugaz,
e atrás da luz do Ideal, ansioso, corre.

E quando um dia a alcança finalmente,
mal a chega a beijar, risonhamente. . .
Queima-se em tanta luz e logo morre!

HERÓI VENCIDO

Meu pobre boémio, grande mal te invade!
Andas pálido, fulto de alegrias.
A guitarra das tuas melodias
soluça com tristeza e com saùdade.

Buscas a noite escura, a soledade
das ruas silenciosas e sombrias. . .
Perdeste acaso aquelas fantasias
que doiravam a tua mocidade?

Troveiro da folia e do prazer,
à vida doida concedeste pausa?
Estranha doença nesse peito existe!

Volveu-me: «Nunca vira tal mulher!
Eu ri do amor! E agora sei a causa
de haver no mundo tanta gente triste...»

VOZES DUM POETA

«Ouvi-me todos vós, com dor perfeita!:
Nestes tempos maldosos e perversos,
(ó tempos do passado, tam diversos!)
nem se ama a Deus, nem nada se respeita.

O homem venera só o que o deleita,
os olhos nos prazeres, sempre imersos.
Que mundo! Sobem para o azul meus versos,
à hora em que o crime pela rua espreita!

As virtudes antigas se perderam.
 Nas almas de hoje, raro o bem se abriga.
 Foram-se os velhos santos, lônbo vieram. . .

Não admira a traição, a falsa briga!
 Há muito que os heróis emudeceram
 no bronze augusto da epopeia antiga!»

Novembro de 1921.

A LIÇÃO DA VIDA

Êsse pinheiro que rolou no chão
como um gigante colossal vencido,
tem uma história; serve de lição
a todo o claro peito reflectido.

Mal tinha um palmo só, quanta ambição
de crescer e tornar-se distinguido!
Era julgado nulo, olhado em vão,
nem para os ninhos era pretendido. . .

Cresceu, enfim! Das rôlas, já os cantos
o procuravam, num noivado pleno,
com doce amor e doce sobressalto. . .

Mas ruge o vendaval, e êle que a tantos
sempre escapou, por ser o mais pequeno,
tombou de vez agora — era o mais alto. . .

NA PRAIA

AO DR. ANTÓNIO CID

As gaivotas, num claro e doce abraço,
unem-se à vaga, em densas legiões.
Andam môças na apanha do sargaço,
os peitos na água, os lábios em canções.

Gritos de sol, ressoando pelo espaço!
Barcos no areal, em santas devoções. . .
Em todos, num ingénuo e obscuro traço,
cruzes de Malta, signos salomões.

O peixe se aleiloea; em numerosos
grupos há transacções e desembolsos.
Uma velha pragueja — que mostrengo!

Passam poveiros, tipos curiosos!,
como êsse de cachimbo e mãos nos bolsos
que eu já conheço dum painel flamengo.

Póvoa, 1920.

ORGULHO PUNIDO

Numa noite de outono, certa rosa
cobriu-se de luar resplandecente,
e ergueu-se num orgulho impertinente
ao ver-se tam brilhante e tam formosa.

Julgava muito a sério a presunçosa,
que o luar duraria eternamente...
Porê, êle apagou-se de repente
e humilhada a deixou, e pesarosa

No mundo, assim também. Quanta alma cega
se pavoneia com vaidade brava
e se revê com orgulhoso afecto!

Mas num momento o desengano chega,
e essa alma que tam alta se julgava
tem a sorte da flor do meu soneto...

VÊLHINHOS

Doces vèlhinhos, prestes a morrer,
que profunda amargura vos invade!
Devia ser eterna a mocidade,
não existir a dor de envelhecer.

Passais os dias, (lento entardecer!)
à janelinha de oiro da saùdade,
olhando os tempos idos, com vontade
imensa de os tornardes a viver...

Para o passado o triste olhar volvendo,
 (tempos de outrora! Os tempos mais ufanos!)
 vós chorais e eu também, que vos entendo.

Pois muito embora seja novo em anos,
 há muito que me vou envelhecendo...
 Já me cobrem as cans dos desenganos!

VERSÕES DE LAFONTAINE

O LEÃO AMOROSO

I

Viu um leão num prado viridente
uma zagala juvenil e bela.
Foi pedir sua mão, mas ao pai dela
não lhe convinha um genro tam valente...

Devia-a recusar? Era imprudente.
Responde, astucioso: «se quer tê-la,
(merece um sacrificio tal donzela)
apare a sua garra e lime o dente.

Não a molestarão, assim, seus beijos...»
 Acedeu o leão; privado de armas
 foi morto pelos cães, sem resistência.

— Amor! Cegas os olhos e os desejos!
 O mais forte dominas e desarmas,
 porque, onde há amor, não há prudência!

ALCIMADURA

II

Os seus caprichos eram suas leis.
Saltava com leveza e travessura
pelos bosques pagãos; esquivava e dura,
aos rogos mais amantes e fiéis.

Dáfnis, môço gentil, como sabeis,
corria atrás da sua formosura,
dum beijo dela, de qualquer ternura...
Em vão! Era cruel, entre as cruéis!

O pobre amante sucumbiu de amor.
Sob o seu monumento funerário
bailou Alcimadura, em fatal hora.

Ruíu o monumento com fragor...
OuvIU-se então um canto solitário:
«A Insensível morreu! Tudo ame agora!»

O AMOR E A LOUCURA

III

Brincavam uma tarde, alegremente,
Loucura e Amor, quando êste se zangou.
Houve troca de frases; de repente,
Amor levou um murro que o cegou.

Vénus, que amava o filho loucamente,
cega, também, de muita dor ficou.
Foi ter com Júpiter, o deus potente,
e sua grave queixa apresentou.

Sensível ao queixume maternal,
 Júpter reuniu o Tribunal.
 Tal crime impunha o máximo rigor.

E confirmado, pôsto bem a limpo,
 sentenciou o código do Olimpo
 que a Loucura guiasse o cego Amor...

VOZ ANCESTRAL

Grita em meu sangue, num clamor divino,
a voz dos meus remotos ascendentes.
Homens justos, de peito cristalino,
homens que foram bons, porque eram crentes...

E essa voz, clâma: «Crê! E a Deus, num hino,
levanta aquelas súplicas ardentes
que tua santa mãe, quando menino,
ensinou aos teus lábios inocentes.

Porêm, não basta orar... Trabalha e pensa.
Ama a Virtude e o Bem. Prega a Verdade
e espalha toda a fé nos cantos teus.

E com o facho dessa luz imensa,
ergue-te em guiador da Humanidade,
aproximando-a sempre mais de Deus! »

BILHETE

O tempo vai passando triste e lento...
Doce amiguinha, porque não escreve?
Porque não manda ao nosso pensamento
o terno aroma dum sorriso leve?

Como rosa esfolhada pelo vento,
as lindas afeições se esfolham breves.
O tempo tudo varre, num momento...
Assim o diz seu coração de neve!

Contesta? Pois então que não se feche
seu lindo olhar que tam mortal parece.
Que a bôca fale! Seu mudismo deixe.

Não seja um doce lírio que fenece;
para que o triste poeta não se queixe
da rapidez com que a mulher esquece...

Novembro de 1921.

PÁGINA DUM AMOROSO

«Amar-se nesta vida sem sofrer!
Onde é que existe o belo sonhador
que pôde um dia, sem sentir a dor,
à luz dos astros de oiro adormecer?

Sorvi em doces lábios de mulher,
muito perfume terno, muita flor...
Amei, cantando! Mas não era amor.
E quis, sorrindo... Se isso era querer!

Amor, um só—o que na dor tem raízes.
 Nenhum mais verdadeiro, mais sincero.
 Nunca a ventura algum amor fadou.

—Namorados, amantes infelizes,
 não vos quebrante o vosso desespero:
 quem mais sofreu, foi quem melhor amou!.

SORRISOS FALSOS

Aquele poeta! Eu sei que o considera
um coração risonho e insubmisso;
e como é triste, irrita-se com isso
e é cruel como nunca foi Citera...

Não seja tam injusta, tam severa!
Quanta vez um sorriso bem postiço
oculta em sua flor, cheia de viço,
negra dor que tortura e dilacera!

Aquele poeta! Julga-o mal, Senhora.
 Quer ver como a sorrir também se chora?
 Os seus olhos subtis que espreitem, sondem.

Saiba observar e saiba ser discreta;
 verá que num sorriso de poeta
 muitos milhões de lágrimas se escondem!

ABANDÔNO

No castelo da louca fantasia
ergui um dia a deusa da Ventura.
Era tam doce a sua formosura
que cego a tudo, só no mundo a via.

Confiado em seu amor, feliz vivia.
Mas o fado que só me traz tristura,
(após um lindo bem, tanta amargura!)
mostrou-me que é bem louco quem confia.

Fugiu-me a deusa dêste sonho belo.
Em vão minha alma, triste e desolada,
pelo seu nome com amor gritou.

Em vão abri as portas do castelo,
noite e dia, esperando a desejada...
A deusa esquiva nunca mais voltou!

PORTUGAL HERÓICO!

(AOS BRAVOS AVIADORES, GAGO
COUTINHO E SACADURA CABRAL)

Eu quero, ó musa, que hoje te consagres
a êste velho país de marinheiros,
berço do Infante-Sonhador de Sagres,
solar de menestréis e cavaleiros.

Horas de amarga dor, horas bem agres,
não dobram Portugal. Densos nevoeiros,
que importam? Nossa terra é de milagres;
triunfa da morte, em lances altaneiros!

Velho soldado da Índia, encanecido,
Portugal tem honrado e tem mantido
seus foros de nobreza, seculares.

Venceu outrora a fúria do oceano,
e num moderno heroísmo sobreumano,
ergueu-se ao céu... e dominou os ares!

Junho de 1922.

RETRATO AMADO

Dos meus tempos de infância, descuidados,
conservo na memória o retratinho
do meu bondoso avô; doce vèlhinho
com os seus oitenta anos bem puxados.

Pelos serões de inverno, tam cantados,
que doce ouvir o trémulo avôsinho,
narrar com emoção e com carinho
lutas e guerras — transes já passados!

A mocidade atribulada e só,
compensava a velhice tam ridente,
junto aos netos, em roda da lareira.

Lá fora, a chuva e o vento. E o velho avô,
(lindo quadro!) a sorrir bondosamente,
ameigava a caixinha tabaqueira...

SARCASMO

Os poetas! Não os fira, nem consuma,
com a sua sarcástica ironia.

Não diga que êles amam só por uma
necessidade de fazer poesia.

Dizer que o seu amor recorda a espuma
que a vaga arroja sôbre a praia fria!
Não diga tal, nem que mulher alguma
vive mais que na sua fantasia.

São um pouco de todas? E a razão?
Não é também o sol de tanta flor?
E vê alguma erguer-se a protestar?

Senhora! Não nos negue coração.
Os poetas nasceram para o amor,
como as asas nasceram para voar...

ALMAS CRENTES

Ó serenas mulheres piedosas
que ides cantando pela noite imensa,
espalhai pelo mundo as vossas rosas
e erguei, bem alta, a luz da vossa crença.

Vós sois a Fé, ó santas milagrosas!
A Fé que rompe a treva mais intensa
e leva a Deus as almas dolorosas...
o peito que ama e o cérebro que pensa!

Prègai ao mundo o vosso santo exemplo!
 Na oficina, no lar, no velho templo,
 quebrai a dúvida que tudo oprime...

Sêde um beijo de sol, neste destêrro!
 Para que a luz desfaça a treva do Êrro
 e a bondade sufoque a voz do Crime!

MUSA QUEIXOSA

Não te queixes do olvido. Ninguém pense
que buscas por favor renome e fama.
O mérito não pede. Ordena, clama.
Exige a clara luz que lhe pertence.

Magôa-te a indiferença? Luta e vence.
Sê inspirada e forte! Padece e ama...
Sem muita dor a fronte não se enrama.
Negam-te o aplauso? O orgulho, que o dispense!

Que importa a fama? Quanta vez é falsa!
Postiço adôrno a lira não realça,
antes empana sua nobre alvura.

Musa, vive feliz, rebelde e esquiva!
Independente sempre e sempre ativa,
sorri e canta! Sê piedosa e obscura!

LAUS DEO.

INDICE

LÍRICAS

	PÁG.
Pensamento alto!	7
Canção antiga	9
Saúdação à França.	11
Canção da cantarinha.	13
Noite de Natal	17
Num álbum	19
Portugal novo!	21
Violetas	25
Serenata das guitarras	27
Cântico do regresso	29
Flor celeste	33
Inconstância	35
Quadras a um plátano	37
Bélgica liberta!	41
Minho garrido.	43
Canção da roca	45
Inverno	47
Maravilha divina.	49
Rosário de trovas	51
Casa cheia	55
Mortos imortais!.	57
O Amor e a Saúde.	59
Porque há lírios roixos...	61

	PÁG.
« Casa de Alêm »	63
Brado da alma	65
Canção da braseira.	67
Pax!	69
A epopeia da Asa	73
Mulheres amadas	75

SONETOS

Lutador!.	79
Dez anos depois.	81
Ramo de flores	83
Dom Duarte	85
Luz moribunda...	87
Soldados de Portugal!	89
Quadros da beira-mar.	91
Os amores de Camões	93
Velhice falsa	95
Confissão	97
Luar alto	99
Súplica à Virgem	101
Inimigos.	103
Vida inútil	105
Dor fecunda — I	107
II	109
Resposta.	111
Pombal mudado.	113
Mágoa oculta	115
Genios irmãos.	117
A borboleta e a luz	119
Herói vencido.	121

	PAG.
Vozes dum poeta	123
A lição da vida	125
Na praia.	127
Orgulho punido	129
Vêlhinhos	131
O leão amoroso	133
Alcimadura.	135
O Amor e a Loucura.	137
Voz ancestral.	139
Bilhete	141
Página dum amoroso	143
Sorrisos falsos	145
Abandôno	147
Portugal heróico!	149
Retrato amado.	151
Sarcasmo	153
Almas crentes.	155
Musa queixosa	157



biblioteca
municipal
barcelos



13579

Luar de sonho